

Discurso de agradecimento á Congregação da Faculdade

Exmo. Sr. director. Srs. professores. Minhas senhoras. Meus collegas. Meus senhores.

Trinta e quatro annos são passados que nesta Faculdade por igual victoriosa em sua tradição, e em sua actualidade, recebia eu a investidura de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

A sollemnidade se realisava no velho edificio do Collegio dos Jesuitas de Santo Antonio, na parte contermina á Igreja do Espirito Santo.

Eramos uma pequena turma porque a collação do gráo se fazia diariamente, de igual passo com os respectivos exames.

Revejo esbatidos numa extensa penumbra de saudades os vultos respeitaveis dos meus mestres e examinadores — Silveira de Souza, José Hygino, Albino Meira e outros que a distancia do tempo me afasta do angulo visual da memoria vacillante.

Era em 13 de Novembro de 1889.

Numa larga sala, — que respirava por quatro janelas abertas para uma area interna, e rôta numa por-

ta baixa sobre extenso corredor, — havia pausa, silencio expectativa..

Iam collar o gráo os bacharelados.

Um por um de nós subiamos á tribuna posta em frente á mesa examinadora para d'alli agradecer em breve discurso ás lições dos nossos mestres e a assistencia de nossos paes.

Fóra brilhava o sol num dos dias translucidos d'este formoso Recife, envolvendo-lhe a terra, as aguas, os ares num estendal de luz, de vida, de fecundidade...

E esse dia assim illuminado visinhava o dia luminoso da Republica: estavamos, como disse, em 13 de novembro de 1889.

Eu e os meus companheiros formavamos as ultimas turmas de bachareis da monarchia. Alguns, porém, eram republicanos.

Detenhamo-nos, um instante no limiar da nobre Faculdade e insinuemos o olhar no seu interior e no seu passado.

De 1886 a 1889, em que fiz todo o meu curso de Direito, e nos annos que os precederam, durante os quaes aqui tambem cursei os meus dez preparatorios, — rumorosas e alaeres, intelligentes e irrequietas eram as turmas academicas que, de toda a parte, vinham matricular-se em nossa Faculdade.

Moços dos pampas rio-grandenses e dos lindes escañdecidos do Amazonas; da Côrte, a aristocratica; da Bahia, do Rio de S. Paulo, terras de estadistas e juriconsultos, de oradores e poetas... moços de toda parte vinham aqui receber o baptismo e a sagração das letras e da sciencia.

Por aqui passaram José Bonifacio, Zacharias, Ruy Barbosa, Fagundes Varella, Castro Alvés, Tobias Barretto... como mestre ou discipulos, e como discipulos e mestres.

E d'entre os nossos por nascimento, muitos tive-

mos que podiam com estes parificar-se: João Alfredo, José Hygino, Maciel Monteiro, Joaquim Nabuco, Martins Junior, Arthur Orlando, Phaelante da Camara... para não falar senão em alguns daquelles que a morte já consagrou ao culto de nossa justiça imparcial e tranquilla.

Dos que foram meus cotemporaneos e collegas; d'aquelles de quem me approximei e com alguns dos quaes cheguei a conviver, acodem-me á memoria, entre os mortos, os nomes de Viveiros de Castro (Francisco José), Alfredo Pinto, Pardal Mallet, Germano Hasslocher, Cyridião Durval, Salles Barbosa.

Entre os vivos, de alguns tambem me recordo, cujos nomes não declino com receio de omissões apparentemente desattenciosas, bastando-me referir que, entre estes, alguns occupam, com elevação e brilho, logar distincto no corpo docente d'esta douta Faculdade.

Era uma mocidade intrepida e vibrante. Nenhum acontecimento civico ou politico que tivesse logar no mundo civilisado, deixava de echoar celeremente em sua grande alma apaixonada.

Nos dias resplandecentes da propaganda abolicionista, quando José Mariano, o tribuno e José Maria, o democrata, sacudiam a alma inteira d'esta cidade numa vibração de civismo e de solidariedade nacional; quando, trapejando no espaço, fulgiam e refulgiam os guiões de campo rubro e constellações doiradas da "Ave Libertas" e da "Liberdade"; quando, sobranceando a tudo e a todos, se erguia a figura apolinea de Joaquim Nabuco, heróe do pensamento, gigante da palavra; era exactamente esta mocidade academica de meu tempo que formava a legião onde os chefes destemerosos vinham encontrar as reservas de suas energias, os estímulos de seu animo, e as melhores unidades de combate, superiormente desinteressadas até o sacrificio, até a morte.

Nós, em nossos tempos de academicos, e em dias de

recem-formados, tivemos a felicidade suprema de viver assim em plena mocidade, cuas datas immortaes na nacionalidade brasileira: 13 de maio de 1888; 15 de novembro de 1889.

A primeira que foi a abolição, beneficiou, ao mesmo passo, o escravo, libertando-lhe o corpo; e o senhor, libertando-lhe a alma.

A Republica, que foi a segunda, levantou de seus tumulos irredentos, numa apothéose de victoria, os condemnados pelo amor da Patria Republicana.

Eu vos disse que era intelligente e alaere a mocidade academica de 1886 a 1889, e de annos proximos, anteriores e posteriores.

Successora, senão herdeira, de gerações brilhantes como as de Castro Alves, Tobias Barretto, Martins Junior, Pepe de Vasconcellos, Pedro Jacques e tantos outros ella se mostrou dotada de uma mentalidade exuberante que irradiava na escola e no theatro, na rua e no livro, na poesia e na eloquencia...

"Espumas Fluctuantes", "Dias e Noites", "Visões de Hoje" e outros testemunhos por nós conhecidos, attestam a vida mental e affectiva que se pensava e sentia por aquelles annos corridos.

Recife e S. Paulo eram então os dois centros de formação juridica e litteraria do Brasil. Aqui como ali é que se aparelhavam os espiritos do jurista e do juriconsulto, do diplomata e do magistrado.

Dentro e fóra do livro, no jornal e na tribuna, vivia e exuberava o Recife no esplendor do solo e do céu, que o modelam, e na belleza feminina que o povôa.

Em pontos diversos da cidade deparavam-se habitações collectivas de estudantes que se faizam centros de alegrias e conferencias ruidosas, não raro incommodas aos transeuntes, desavisados.

Por toda parte da cidade pairava a alma dos mo-

cos, ás vezes alcandorada nos grandes entusiasmos civicos, ás vezes melancolisada em canções dolentes de sonhos desfeitos...

E por toda parte do Brasil um trecho deste Recife sobrevivia, illuminando de eterna mocidade, a alma d'aquelles que aqui viveram a sua vida de academicos...

"Quanto é bella giovinezza".

Superintendendo a formação mental de gerações numerosas, que se succediam em transito pela Faculdade do Recife, um corpo respeitavel de lentes, iguaes aos dignos mestres de hoje, professava com sabedoria e dedicação as diversas disciplinas de que se compunha o curso de Direito.

Ao iniciar o meu curso encontrei ainda vivida e brilhante a tradição de Paula Baptista, Braz Florentino, Aprigio Guimarães, Antonio de Drummond... que, embora muito distanciados no tempo, viviam no espirito de todos pela grande resonância de suas doudas lições.

Os mestres, que por minha vez tive de fitar e ouvir, não eram de menor elevação que os seus antecessores. Cito somente alguns dos mortos: Tavares Belfort, Pinto Pessôa, Barros Guimarães, José Hygino, Albino Meira, Augusto Vaz, João Vieira, Adolpho Cirne...

Ao lado d'estes, cuja palavra ouvi como meus professores, outros conheci em meu tempo de estudante a elevar a Faculdade com as suas lições, os seus livros, os seus discursos e as suas polemicas: João Thomé, Coelho Rodrigues e sobre todos, Tobias Barretto.

E sobre todos Tobias porque, embora não se tivesse formado, como pôdia, si quizesse, um professor perfeito, se revelou a mais forte e a mais bem aparelhada mentalidade de seu tempo que, em função do character pugnaz e aggressivo de reformador, assentou sobre novas bases a cultura juridica no Brasil. E não só juridica, senão tambem litteraria e scientifica.

Com a sua actuação dentro e fora da Faculdade,

na vida e na sciencia, creou Tobias Barretto uma época na intellectualidade brasileira, época essa que, em vista da projecção personalissima do espirito de seu autor, devia ser assignalada e conhecida com o nome deste.

Realmente, dentro de um certo trato de tempo, quem não falava ou não escrevia no norte do Brasil "com" Tobias, falava e escrevia "contra" Tobias.

Certo, porém, é que antes e depois d'elle, a Faculdade do Recife collaborou com a palavra e com a acção de seus professores e discipulos nas realisações sociaes e politicas de nossa nacionalidade.

Na opulenta Revista Academica d'esta Faculdade que, com os seus trinta annos de existencia, comprova a esforcada laboriosidade de seus eruditos redactores, — deparam-se no ultimo de seus numeros, "the last but not the least", entre os brilhantes trabalhos ahi compaginados, dois que dizem eloquentemente do assumpto de que estou a occupar-me: "Historia Parlamentar de Pernambuco", da autoria do mestre illustre e illustre director, sr. dr. Netto Campello, e a "Faculdade de Direito nos Annaes Pernambucanos", do notavel historiographo, sr. dr. Pereira da Costa.

A leitura de um e de outro d'esses dois trabalhos instrue precisamente sobre a formação scientifica e sobre a actuação politica da Faculdade, no conjuncto e na unidade de seus dignos professores.

Um e outro dos ditos trabalhos se completam na reconstituigão de um passado e no decalque de um presente que põem de manifesto as grandes difficuldades que ella teve de vencer, e os grandes serviços que ella conseguiu prestar não só á familia pernambucana, senão ainda e igualmente á nação brasileira.

O tumulto dos acontecimentos modernos que mal nos dá tempo para ver o momento que vivemos; e os arrastamentos egoisticos que, mais do que nunca, nos vem inferiorizando a vida social: não nos concedem ferias

ao espirito nem tregos ao corpo para voltarmo-nos com pausa a rever e a ponderar os preciosos serviços que poude prestar a Faculdade á emancipação da intelligencia e do character nacional.

E nesta hora de intellectualidade e de affecto, permitti, amigos meus, que para focalisar os grandes serviços do nobre Instituto, eu releia algumas das palavras outr'ora pronunciadas por um de seus maiores directores, o qual, posto que ha muito fallecido, revive nas verdades que poude de tão longe descortinar a seus patricios

Essas palavras são as do dr. Lourenço José Ribeiro na solemnidade da installação do curso de direito assim trasladadas no segundo dos artigos da mencionada "Revista": "Lá se foram os tempos em que muito de proposito se promovia a nossa ignorancia e pobreza, a fim de que, não se conhecendo as forças e recursos de que nos dotára a Providencia, nos deixassemos esmagar pelo pesado jugo que nos impunha a mãe patria.

O brasileiro, que ambicionava a carreira litteraria, era obrigado a sacrificios incalculaveis e nada menos que abandonar a sua patria, atravessar duas vezes o procelloso Oceano, renunciar o doce clima em que nasceu, aos carinhos e desvelos de seus paes, parentes e amigos, a troco de mil privações, incommodos, e despezas, primeiro que conseguisse escassos principios de direito e um diploma que o habilitasse para os cargos publicos. E qual era o resultado de semelhante estorvo? Nascerem talentos não vulgares e murcharem sem fructos, já por falta de meios, e já por mal entendido amor de alguns paes, vindo assim a recahir os empregos em pessoas, que não sendo naturaes d'este hemispherio, faltava-lhes pela maior parte aferro ao ninho para bem o compor e conservar."

Esse trecho do discurso proferido em 15 de maio de 1828 na installação solenne do curso juridico em Olinda pelo inolvidavel director, revela-nos os beneficios

que á nossa formação intellectual e á nossa integração nacional nos poude trazer a fundação deste instituto de direito.

Só então é que nos fizemos homens pela independencia espirital da madrepatria"; só a partir daquelle momento é que adquirimos a instrucção necessaria ao exercicio dos cargos publicos em nossa terra.

Foi, pois, a Faculdade de Direito quem nos libertou o espirito; nos elevou a consciencia e nos conquistou os direitos de homem e cidadão.

A independencia brasileira não decorreu integral da proclamação de 7 de setembro de 1822 por isso que somente com a lei de 11 de agosto de 1827, que nos deram Januario da Cunha Barbosa e José Cardoso Pereira, e que nos alforriamos da suzerania intellectual da Universidade de Coimbra.

A criação desta Faculdade vale, portanto, por uma dupla conquista na Sciencia e na Politica. Sem ella não teriamos completa a independencia nacional nem a autonomia da mentalidade brasileira.

Nesta Faculdade, como na de S. Paulo, é que se modelaram os espiritos, se informaram as consciencias e se orientaram as actuações dos estadistas e parlamentares do 1.º e 2.º Imperios. Do Imperio e da Republica.

Desde a Regencia em 18 de setembro de 1837 com um dos ex-directores — Pedro de Araujo Lima, Marquez de Olinda ministro e successor do padre Diogo Feijó; a passar por todos os acontecimentos do opulento ementario nacional, até á lei do ventre livre, da abolição e da Republica, — que a Faculdade do Recife se tem feito ouvir e tem agido por seus directores, lentes e discipulos.

Nenhum acontecimento de organização e de reforma nacional deixou de ter em si vinculado um representante d'esta Faculdade.

E quanto de reconhecimento lhe devemos nós todos que fomos seus alumnos? Quanto lhe devemos pelo que nos deu, e pelo que nos possibilitou?

De mim confesso que tudo que tenho sido e que venha a ser devo primeiramente a esta Faculdade.

Em toda a minha vida de homem publico outra coisa não tenho feito que cultivar os estímulos e aproveitar os ensinamentos que aqui me foram despertados e transmittidos.

Dos mestres, que aqui tive, é que me veio directamente o pendor pela disciplina juridica, a que me tenho de preferencia dedicado.

E' a João Vieira. — cujo surpreendente avanço de conhecimentos em criminologia compensava a falta de brilho verbal da exposição — que eu devo o estímulo inicial nos estudos da sciencia que professo como lente.

A Corrêa de Araujo, a Pinto Pessôa, a Augusto Vaz a Adolpho Cirne... eu me confesso de publico e solennemente devedor dos mais seguros e preciosos elementos de educação juridica da profissão que abracei.

E em José Hygino tive o modelo, aliás, inatingido, do professor e do homem publico.

A minha mentalidade, pois como a minha natalidade, é assim inteiramente pernambucana.

Como vêdes, dos mestres apontados só a um delles, o Conselheiro Corrêa de Araujo, posso neste momento externar os agradecimentos do moço estudante de outr'ora, e os do velho discipulo de hoje.

Aos outros, mestres queridos da minha mocidade e queridos exemplos da minha velhice, a Morte me roubou a opportunidade de confessar-lhes em pessoa a grande divida de meu reconhecimento.

E a Morte guarda o seu segredo.

Não menos brilhante, porém, que o de outr'ora, é o actual corpo docente da Faculdade de Direito,

Aqui se encontram scientistas e didactas, juriscultos e jurisperitos, publicistas e parlamentares

Os livros e demais trabalhos que levam á publicidade valem, por affirmações positivas de sua laboriosidade e superior cultura.

Por outro lado, a Faculdade, que durante um longo passado, não pôde obter uma installação condigna, máo grado o valor pessoal e o prestigio politico de muitos de seus Lentes, — conseguiu, entretanto, pelo prestigio individual de seus actuaes professores e esforços de seus amigos junto ao governo federal — fazer construir-se, um edificio que corresponde á dignidade funcional do professorado brasileiro.

Bem sabeis que nenhuma outra Faculdade de Direito no Brasil tem séde igual á vossa.

Entre os vossos compares foi nomeado para director — uma das mais nobres investiduras da vida publica no Brasil — o patricio e professor illustre — dr. Netto Campello.

Não sou eu, elemento estranho á notavel Congregação, quem possa dizer com autoridade sobre o acerto e sobre a justiça dessa nomeação.

O que vos posso testemunhar, como obscuro professor da Universidade do Rio de Janeiro, é que o nome do vosso Director é, entre nós, tão querido e prestigiado quão querido e prestigiado é entre vós.

Ali todos sabemos que prelector illustre é elle igualmente autor illustre. Que tem personalidade scientifica e individualidade literaria. Ensina por seus livros; lecciona idéas proprias. E' um perfeito professor. E' um director que véla, como ninguem mais, pelos direitos de seus collegas e pelo renome da Faculdade.

Professor e director illustre, é ainda elle um dos mais notaveis membros do Conselho Superior do Ensino.

Vigil e attento aos grandes interesses da instrução nacional, ali tratados e debatidos; attento e vigil se mostra aos nobres interesses da Faculdade que dirige.

Esses interesses a nenhum outro elle sottopõe. Pôde-se affirmar com segurança que apezar da grande dedicação que effectivamente demonstra por tudo quanto constitue objecto e função do homem publico, que elle é: a vida e os direitos da Faculdade do Recife representam, entretanto, o alvo superior de suas cogitações e de sua operosidade.

O illustre director, bem o sabeis, não se enumera entre aquelles homens que diminuem de estatura no exercicio dos cargos elevados, nem que se obscurecem nos postos de culminante evidencia.

Ao contrario, a elevação e a evidencia servem apenas para medir-lhe a superioridade da estatura moral.

Na cadeira de professor como na arena do publicista; no posto de director como na tribuna do parlamentar, affirmou sempre, sem desmaios de brilho e de prestigio, a estatura inconfundivel de sua personalidade superior.

O dr. Netto Campello pertence ainda ao numero daquelles homens que, esforçando-se por occultar a sua superioridade, se destacam desde logo no meio em que se encontram por elevado que seja.

E o que é mais, aquelles que o cercam são os primeiros a entregar-lhe num movimento espontaneo os postos elevados de direcção e "leaderato".

Pernambucano, que sou, sinto-me feliz com exactificar, que, dizendo a verdade sobre o illustre conterraneo, eu lhe fiz o elogio.

Meu bom e nobre amigo, meu caro e leal collega — as generosas palayras que ha pouco entendeu de dirigir-me é mais um acto de gentileza a sommar com os outros na grande divida de gratidão, que me tornam moralmente insoavel para com esta Faculdade.

Os meritos do meu dilecto amigo, estimados na devida conta por nossos esclarecidos conterraneos, o têm elevado aos mais altos cargos publicos de nossa terra. E não só aos cargos de destaque official senão as posições de destaque scientifico.

Mestre illustre e querido da mocidade, impõe-se-lhe ao respeito pela proficiencia das lições e conquista-lhe o affecto pela bondade do trato e pela equidade dos julgamentos.

E a grande estima e respeito que entre elles gosa é um acto de justiça incorruptivel porque é feita pelos moços e a mocidade, deixai-me adaptar um paradoxo de Champfort, a mocidade é a "posteridade contemporanea".

Reconhecido, eu agradeço ao generoso amigo e á nobre corporação no seio de quem falo, o favor de suas palavras, que me erguem no conceito de meus pares e me elevam no juizo dos meus contemporaneos.

Posto que menos numerosos que os de outr'ora, quando somente duas faculdades existiam no Brasil, não menos estimulados e brilhantes são, entretanto, os moços da actual geração academica do Recife.

A corporação discente de uma Escola superior reflecte, assim na vida material como na vida moral, as modificações da cidade, em que têm séde a mesma Escola.

A cidade moderna, de formação cosmopolita, de grande população e vida intensa, não mais enseja oportunidade á repetição da vida academica dos yelhos tempos.

Hoje, desde o primeiro instante de seu curso, tem o academico exacto conhecimento da vida e plena consciencia da responsabiidade social.

Actualmente em cada moço se encontra um homem

feito, senão pela experiencia, — pela intuição prépostera e intelligente.

A multiplicidade dos factos e dos acontecimentos modernos instruem de um golpe o espirito do homem; e a pluralidade de aspectos da cidade contemporanea não mais permite a concentração da vista publica num só assumpto, num objecto unico.

Relevai-me esses truismos que valem talvez por "lo-gares communs".

Mas que tambem valem por uma explicação da apparente decadencia da vida e do espirito academico da actualidade.

Hoje como hontem, a alma dos moços está polarizada para os grandes objectivos e para as grandes realizações da vida e da sciencia, da Patria e da Humanidade.

A mocidade é uma só e um só é o Céu que tem sobre a frente, o solo que lhe fica aos pés e o clima social e humano que respira.

Trazei a debate ou ponde em causa um grande acto de justiça, um serviço á Patria, um sacrificio á Humanidade e vereis então como a mocidade de todos os tempos sobreergue-se inteira e identica na mocidade de um só momento.

O que outr'ora era abstracção romantica para a perfeição exclusiva do espirito; hoje é o treinamento dos musculos para o aperfeigoamento complexo da raça.

Hontem eram moços que recitavam nas salas com brilho e paixão; hoje são moços que surgem nas tribunas dos comícios, campeam nos esportes e se incorporam ás linhas de tiro e ás fileiras do glorioso exercito nacional para a sagrada defeza militar da Patria.

Eu creio na elevação dos sentimentos e nas virtudes civicas da "mocidade" de minha velhice.

De minha velhice, não, porque não envelhece quem

vive entre os moços e com elles eu tenho vivido como seu companheiro, seu professor e amigo.

Aqui nesta Escola e nesta cidade formei e formo ainda entre os alumnos; noutra cidade e noutra Escola agora mesmo formo entre professores, embora seja o unico obiscuro d'entre elles, pois que os nomes destes fulgem nas lições brilhantes dos livros que escreveram, e resplandecem nos fastos da historia patria, em que colaboraram.

Mas estudante ou professor, aqui ou ali, tenho vivido, vivo e espero viver entre moços, creando-me assim a mocidade intellectual superior á do corpo por ser a da alma.

E vós, meu bom e joven collega, que tão generosa e brilhantemente me dirigistes a palavra em nome desta vibrante mocidade da nossa terra, recolhei e levei aos vossos irmãos os agradecimentos enternecidos do velho professor e velho compatricio.

E seja-me agora permittido testemunhar da elevada tribuna em que me encontro, a mais sincera admiração pelo progresso material e pelo desenvolvimnto moral do nosso amado Pernambuco, incontestavelmente o mais prospero dos Estados do Norte da Republica.

Ausente ha quinze annos, de sua formosa capital, eu a teria por certo desconhecido "em grande parte" si não fossem a voz intima do sentimento de minha natalidade e a visão dos elementos naturaes, que lhe compõem a luminosa e inconfundivel physionomia.

Do piso das ruas á elevação dos tectos; da orientação da cidade á architectura dos edificios; do acrescimo da populaçãe á multiplicidade dos recursos; do movimento urbano á actividade industrial; tudo ali foi refeito, remodelado, reconstituído.

O que, porém, ali sobreresta intacto como sobreresta na outra parte da cidade e do Estado inteiro é a

exhuberancia do sólo, é a sanidade do clima, é a belleza das pernambucanas, é a altivez cavalheiresca dos filhos deste grande e nobre Estado.

Pernambuco de hoje nada fica a dever a Pernambuco de hontem; iguala-o na bravura heroica de seus antepassados e excede-o na riqueza, nas possibilidades e nas iniciativas individuaes e sociaes.

Sejamos, porém, justos e façamos justiça de pernambucano a pernambucanos.

Tudo quanto ahí está não é iniciativa de um só homem; não é obra de um só governo.

Uns d'entre estes, lutando nos tempos adversos de poucos recursos e crises prolongadas, puderam manter com honra embora sem brilho externo, o nome e o credito do Estado no interior e no exterior da Republica.

Outros, aproveitando com intelligencia e penetração os tempos de prosperidade economica e financeira, augmentaram os recursos disponiveis e elevaram o credito interno e externo do Estado.

Outros ainda, fazendo applicação honesta e patriótica d'aquelle credito e d'aquelles recursos, reergueram a cidade e alteram o Estado á altura, em que se encontram, dos mais altos na Federação Brasileira.

E igualando todos, que governaram Pernambuco, a linha superior da honestidade pessoal.

Que governaram e que governam.

Certo, que o grande Estado tem na sua suprema direcção neste momento, um dos seus filhos mais dignos.

Magistrado de alta cultura juridica e de justo e extenso renome; possuidor da mais rica experiencia que é a experiencia do juiz; perfeito conhecedor dos homens com quem convive, e da sociedade em que actua; educado na escola de rigida honestidade, que é a vida do magistrado; senhor de seu animo e de sua vontade, isto é sabendo querer e querendo, por si; o sr. dr. Sergio Loreto era precisamente o homem a quem as correntes

políticas do Estado podiam confiar os destinos da terra commum como representante da paz propulsora do progresso e fiador da justiça...

E já nos actos próprios, já nos dos collaboradores que soube escolher para o seu governo, tem tido o Estado a affirmação eloquente do acerto de sua eleição.

Arrastou-me a digressão para fóra da Faculdade, mas não para fóra do Estado.

Si não me arrastou para fóra do Estado, conservou-me virtualmente na Faculdade, que neste tem a sua séde.

A vida e o progresso de Pernambuco não é e não póde ser assumpto extranho ao centro maximo de sua intellectualidade, que é a Faculdade de Direito.

Acredito que para dizer sem paixão partidaria e sem movel subalterno sobre os homens e sobre as coisas de Pernambuco, nenhuma tribuna existe mais elevada do que esta, de onde melhor se possa ver e melhor se possa ouvir quem quer que precise falar aos seus queridos patricios.

Foi o que fiz e fio que por isso não terei decahido do conceito dos meus amigos nesta Faculdade, que prezo sobre todos.

E com os agradecimentos mais profundos que ao terminar reitero ao nobre director, aos illustres professores, aos dignos alumnos e a este publico selecto, que tanto me ergueram, com o prestigio de sua generosa acolhida, — eu peço venia para fazer uma confissão em voz alta.

E a confissão é esta: o maior e o mais ardente desejo da minha juventude foi o de ser professor da Faculdade de Direito do Recife; o desejo maior e mais ardente do cerrado outomno de minha existencia é o de

continuar a merecer o tratamento de discípulo desta Faculdade.

E em verdade vos digo que, mestre noutra Escola, nesta me sentirei sempre discípulo.

ESMERALDINO BANDEIRA.

